

O TRABALHO DO PSICÓLOGO NA ESCOLA ESPECIAL COM GRUPO DE ORIENTAÇÃO AOS PAIS DE CRIANÇAS DEFICIENTES AUDITIVAS

Josefina M. Carvalho

PSICÓLOGA DO INSTITUTO EDUCACIONAL SÃO PAULO - DEDIC/PUC-SP, SÃO PAULO - BRASIL

Resumo

A proposta do grupo de orientação aos pais de crianças deficientes auditivas, na faixa etária de 2; 6 a 7 anos, dentro da escola, tem o objetivo de aprofundar, em nível emocional, a relação pais-filhos, buscando elaborar os temores e ansiedades; os sentimentos de culpa e vergonha. À medida que os pais conseguem reconhecer o que ocorre na relação com seu filho, podem mudar de atitude com os mesmos, diferenciando-se para assim poder propiciar que a criança cresça e se realize a partir de sua realidade como portador de deficiência auditiva.

Abstract

This paper reports the experience of a psychologist working in the orientation of groups of parents in a school for deaf children.

The purpose of organizing a group of orientation to parents of deaf children between 2;6 and 7 years old, in a school, aims to deepen, at the emotional level, the relationship between parents and children, aiming to elaborate the dreads and anxieties, the feelings of guilty and shame. As soon as the parents succeed to perceive what occurs in the relationship with their children, they are able to change their attitudes, allowing that the children grow up and fulfill themselves as deaf people.

A excepcionalidade não pode ser compreendida como um atributo exclusivo de um indivíduo socialmente reconhecido como deficiente. É um acontecimento que ocorre numa dada família, comunidade e sociedade. A excepcionalidade só pode ser compreendida com referência às reações sociais que suscita e o seu significado para o indivíduo excepcional.

A Família do Deficiente

A maioria dos pais que procuram serviços especializados para atendimento de seu filho deficiente vem com uma longa história de exames de avaliação, anamneses, orientação e encaminhamentos. Trazem também queixas aos serviços e esperança de que alguém faça "algo" por seu filho, que resulte em progressos notáveis.

O fato de alguém da família ser identificado pelos critérios da comunidade médica ou educacional como deficiente pode constituir-se numa experiência dilacerante, que altera profundamente as relações internas e objetivos da família, como também os papéis familiares e sociais de cada membro, por um longo período de tempo, aparentemente interminável (Luterman, 1979).

Quando os pais descobrem a deficiência do filho, seja por si mesmos, por algum profissional, por outras pessoas da família (avós, tios), ocorre uma variada reação. Telford e Sawrey (1976) apontaram os seguintes padrões como os mais correntes na família, com a chegada de uma criança deficiente:

1. encara o problema de modo realista;
2. negação da deficiência da criança, particularmente quando é menos evidente, ou rejeição das implicações prognósticas, mesmo quando aceitam o diagnóstico de deficiência;
3. sentimentos de autocomiseração e lamentações da sua própria sorte;
4. sentimentos ambivalentes em relação à criança;
5. projeção das causas da deficiência nos outros;

6. sentimentos de culpa, vergonha e depressão e
7. dependência mútua, particularmente entre as mães e as crianças.

Essas reações diversas são referidas como "impacto emocional inicial". Contudo, nenhuma dessas reações é peculiar aos pais de crianças deficientes; são reações comuns, de pessoas normais diante da frustração e do conflito. Os pais comuns manifestarão essas reações com seus filhos "normais", como parte do processo de crescimento.

Muitos pais de excepcionais não só experimentam sentimentos de culpa e vergonha mas sentem-se culpados e envergonhados por experimentá-los. Essa culpa é uma fonte secundária de perturbação emocional para os pais que já suportam uma sobrecarga emocional (Telford e Sawrey, 1976).

Segundo Howard (1982), no período de diagnóstico algumas famílias procuram obter, de diferentes profissionais, um diagnóstico favorável sobre seu filho. Esses pais necessitam de um tempo para pensar sobre o presente e o futuro dessa criança, inclusive sobre as mudanças na rotina familiar, possível negligência dos outros membros da família, e o que é necessário para ajudá-la.

A identificação da deficiência numa criança pode acarretar sérias conseqüências sobre o funcionamento de toda a família, especialmente quando essa deficiência tem um sentido altamente negativo.

O nascimento de um filho é muito mais que um mero evento biológico. Pela própria penetração das noções diversas de excepcionalidade, doenças etc., no senso comum, o evento pode ser acompanhado de fortes desejos e ansiedades dos pais de que o bebê nasça perfeito. (Omote, 1980).

Luterman (1979) constatou que quando nasce uma criança os pais têm expectativas; desejos inconscientes de que esta criança seja melhor do que eles, que possua qualidades superiores ao comum. Quanto mais elevado o nível sócio-econômico e cultural dessas famílias, mais alto se encontram as expectativas em relação ao futuro do filho.

1.1. Ajustamento da Família à Deficiência

A família pode ser concebida como um pequeno grupo social primário, com subgrupos menores, sendo cada díade social o menor deles. É a sociedade que molda o funcionamento da família, a fim de que ela obtenha maior utilidade. Assim, a família é um produto da evolução. É uma unidade flexível que se adapta às influências que atuam sobre ela, tanto as de fora como as de dentro da própria família (Ackerman, 1974).

O nascimento de uma criança deficiente pode ocasionar, na família, sérias dificuldades para enfrentar os problemas habituais da vida, prejudicando o desenvolvimento e a realização dos seus membros.

Na unidade familiar, a interação do casal pode funcionar como uma base fundamental. Devemos levar em conta as mudanças que ocorrem no casal, com a chegada de um filho.

Segundo Ackerman (1974), para se compreender melhor os problemas do casal, devemos pensar em função da reciprocidade e interdependência na adaptação dos respectivos papéis familiares. Quando o casal chega à paternidade, os problemas de responsabilidade paterna se agregam à complexidade existente nas relações familiares. O conflito nas relações entre papéis paternos se junta a qualquer conflito que possa existir na relação do casal.

Os membros da família têm certos significados e relações de papel entre si. Assim, a família pode ser vista como um grupo de personalidades interagentes que se sustenta e altera através dessas interações.

Existe certa predisposição, na família onde se encontra um deficiente, de cristalizar os papéis de seus membros: o pai como provedor, a mãe como suportiva, a criança deficiente como incapaz, dificultando assim a flexibilidade necessária para um equilíbrio adequado.

Como conseqüência da presença de um elemento deficiente sobre a vida familiar e social dos demais membros da família, algumas mães relatam que a presença do deficiente prejudica os irmãos "normais", a vida social da família, o relacionamento do casal, causando

até a separação do mesmo (Omote, 1980). Esses efeitos negativos, relatados pelas mães, referem-se principalmente a desajustamentos em geral, repetência na escola e separações.

Uma unidade importante, dentro do grupo familiar, refere-se à interação mãe-criança. A mãe tem sido, historicamente, a figura central na família, ela é tipicamente considerada o foco das relações familiares. Quando é necessário ampliar as investigações de uma criança deficiente, além dela própria, a atenção desloca-se para a relação mãe-filho.

É conveniente considerar o envolvimento pessoal das mães com a problemática da criança deficiente. É a mãe que vai travar, contra a inércia ou a indiferença social, uma longa batalha a favor da saúde de seu filho, saúde que ela reivindica guardando um moral de ferro em meio da hostilidade e do desencorajamento (Mannoni, 1977).

É a mãe, dentro do contexto familiar, destacada para cuidar do filho deficiente.

As mães de crianças deficientes apresentam muito mais sentimento depressivo, preocupação com a criança afetada e dificuldade de controlar o comportamento da mesma.

Têm ainda muito menos sentimento de competência materna e alegria com a criança afetada (Telford, Sawrey, 1976).

Observam-se, habitualmente, duas atitudes das mães frente à criança deficiente. A primeira surge de uma forma natural e do desejo, ainda que equivocado, de protegê-la a criança de qualquer outro dano, evitando todo tipo de experiência que poderia resultar difícil. Provê todos os seus desejos; assim a criança deficiente tem pouco estímulo para defender-se por si mesma, vivendo uma existência passiva e cômoda. A mãe procura manter fora do seu alcance os objetos perigosos, assim como os interessantes, e proíbe as experiências de bastar-se a si mesmo, ou de descobrir como é o meio ambiente em que vive (Bowley e Gardner, 1976).

A segunda atitude, não tão comum, se produz em casos que a mãe tem problemas familiares, dificuldades econômicas, dificuldades no casamento. O nascimento de uma criança deficiente transtorna o

equilíbrio e a mãe se sente incapaz frente à situação. Não podendo mostrar afeto pela criança, se afasta dela e a rechaça emocionalmente (Bowley e Gardner, 1976).

Nestes casos, tanto a mãe como a criança necessitam de ajuda, com o objetivo de se estabelecer gradualmente uma nova relação entre eles.

2. O Grupo de Orientação a Pais

Foi com o objetivo de trabalhar tal relação, pais-filhos e por acreditar que ela influi de maneira efetiva no desenvolvimento geral da criança deficiente, que iniciei dentro do processo educacional o grupo de orientação aos pais.

Este tem sido alvo da minha preocupação no trabalho que desenvolvo como psicóloga em uma escola especial para deficientes auditivos: IESP - DERDIC - PUCSP (Instituto Educacional São Paulo – Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

Faço parte de uma equipe multidisciplinar composta por Assistente Social, Orientador Pedagógico, Fonoaudiólogas, Lingüista e as Professoras Especializadas. Somos responsáveis pelo atendimento da Pré-Escola na DERDIC, PUC/SP.

A nossa população é de crianças a partir de 2;6 anos a 7 e 8 anos, portadoras de deficiência auditiva de severa a profunda, sem outros comprometimentos aparentes. É composta, em grande parte por famílias de nível sócio-econômico-cultural baixo, que residem em bairros afastados da escola. Este fato implica que a maioria das mães fique na escola durante o período de atendimento do seu filho.

No processo educacional, da Pré-Escola, como psicóloga tenho a função de acompanhar o desenvolvimento emocional, intelectual e social do aluno, através de orientação aos professores e aos pais. Este trabalho é realizado a partir de observações da sala de aula, com a preocupação de obter dados sobre cada criança, sobre a dinâmica do

grupo de classe e a relação professora-aluno. Estes dados são discutidos sistematicamente com cada professor através de reuniões com a equipe técnica.

Este conhecimento do aluno na Pré-Escola é importante porque, somado às informações trazidas pelos pais, me possibilita ter uma visão do tipo de relação que a criança tem com a família.

O grupo de orientação aos pais durante esses anos passou por vários momentos.

Num primeiro momento o objetivo foi esclarecer sobre a patologia, aspectos relacionados à comunicação, estimulação auditiva, uso do aparelho amplificador sonoro pela criança são dados importantes que os pais deveriam conhecer para poder lidar de maneira a propiciar o pleno desenvolvimento de seu filho. Este trabalho se desenvolvia junto com uma fonoaudióloga.

Sempre percebemos que havia questões internas, emocionais, ligadas à própria deficiência auditiva do filho, como também características de personalidade de cada pai, que atuavam facilitando ou dificultando o relacionamento destes com seus filhos.

Ao longo do trabalho com os grupos percebemos dois movimentos em relação aos pais.

Alguns percebiam a necessidade de não apenas discutir sobre deficiência auditiva mas também de refletir sobre o significado interno que representa ter um filho deficiente auditivo.

Outros pais consideravam mais necessário ter maior contato com a professora e fonoaudióloga, para saber mais do seu filho, do que é trabalhado com ele e como eles podem fazer para auxiliar.

O grupo de orientação passa, então, a se constituir por pais que querem ter um outro espaço para refletir e elaborar a respeito do seu relacionamento com o filho deficiente auditivo e sobre o que acontece com eles por terem um filho que não ouve.

Foi estabelecido um contrato com um grupo de 7 pais:

- a duração é de um ano letivo de trabalho;
- o grupo depois de formado é fechado, não entrando outros pais;
- a frequência é de uma vez por semana, com duração de 1h15;

- a presença destes pais é obrigatória.

Estes pais assumem uns com os outros o compromisso da presença, pois é o primeiro ponto para que o grupo possa funcionar como tal, neste sentido eles mesmos se controlam, sabem por que o outro não está presente.

Como muitos pais ficam na escola durante o período de atendimento das crianças e mantêm contato com os outros que não frequentam o grupo, foi necessário trabalhar a questão do sigilo grupal: o que acontece ali não pode ser relatado para outros pais que não pertencem ao grupo.

Esta questão ocorria com frequência nos grupos anteriores; dos comentários surgiam "focacas", gerando muita discussão entre os pais.

No momento, estou realizando o 2º grupo de orientação, dentro desta nova proposta. Vou relatar algumas questões comuns aos dois grupos, que refletem diferentes momentos vividos por nós. A 1ª questão se refere ao que é psicológico e emocional. Para alguns, psicológico é criado na cabeça, não faz parte da realidade, são fantasias, loucuras de cada um. O fato de ser uma psicóloga que está com eles para realizar o trabalho suscita que alguma coisa "errada" ocorre com cada um e que isto pode ser perigoso levando-os à loucura.

Na verdade, como era uma situação nova, não sabiam o que se poderia falar ali, o que poderiam escutar da psicóloga e dos outros pais. Percebi que houve um certo alívio quando o grupo pôde se colocar a respeito do que se pensava, das fantasias, dos sentimentos, sem que isso se tornasse como algo perigoso ou louco.

Outra questão se refere à dificuldade de se comunicar com o deficiente auditivo. Ela aparece na forma de queixas em relação à escola, à professora, a comentários sobre seus filhos por parte de outros pais, às perguntas feitas por leigos a respeito da deficiência auditiva etc.

Os pais sentem que não conseguem se comunicar de forma adequada com as pessoas envolvidas, surgindo geralmente sentimentos de raiva, e "nervoso".

Coloco para o grupo o ressentimento que vivem por não terem uma comunicação fácil com o seu próprio filho. Alguns relatam a dificuldade

que têm para entender o que o filho "fala", bem como para se fazer entender pelo filho.

De modo geral a idéia de que a criança não entende "nada" é presente para todos, a de que só a mãe entende a criança faz com que a atitude delas com a criança seja de muita proteção, gerando angústia nos pais, por terem uma imagem de menor potência do seu filho.

À medida que a questão da deficiência auditiva aparece e sentimentos como vergonha, impotência, castigo, raiva, inveja emergem, surgem as perguntas Por que eu? Por que comigo?

Percebo que existe uma mágoa profunda e que a possibilidade de sair dela é poder reconhecer na criança o seu potencial. Que apesar de ser deficiente auditiva a criança tem possibilidades de ter um desenvolvimento que possa gratificar, de alguma forma, os pais. A fala aparece como elemento mais gratificante para eles.

O grupo se tem colocado como tarefa buscar o aprofundamento, em nível do significado emocional, de todas estas questões que emergem durante as reuniões. É freqüente haver relatos a respeito de como cada um "sente" o fato de ter um filho deficiente auditivo. Alguns sentem que "o equilíbrio emocional fica abalado", se percebem mais sensíveis à situação de expor a criança no contato com outras pessoas, outros se percebem mais irritados e agressivos com o mundo.

Conclusão

Nestes dois meses de trabalho com este grupo avalio que é possível ter uma proposta de trabalho grupal com pais dentro da escola, com o objetivo de aprofundamento em nível emocional, buscando elaborar os temores e ansiedades, os sentimentos de culpa e vergonha. À medida que os pais conseguem reconhecer o que ocorre na relação com os filhos, podem mudar de atitude com os mesmos, diferenciando-se para assim poder propiciar que a criança cresça e se realize a partir de sua realidade como portador de deficiência auditiva.

Referências Bibliográficas

- ACKERMAN, N.W. *The Psychodynamics of Family Life*. Nova Iorque, Basic Books, 1958.
- BATESON, G. e Colaboradores. *Interacción familiar*. Buenos Aires, Ed. Tempo Contemporâneo, 1971.
- BOWLEY, A.H. e GARDNER, L. *El Niño disminuido*. Buenos Aires, Ed. Medica Panamericana, 1976.
- HOWARD, J. "The role of the Pediatrician with Young Exceptional Children and their Families". *Excepcional Children*, 1982, vol. 48 (4), pp. 316-322.
- LAG, M.E. "Fathers": *Forgotten Contributors to Child Development*, 1975, vol. 18, p. 245.
- LUTERMAN, D. *Counseling Parents of Hearing - Impaired Children*. Boston, Little, Brown and Company, 1979.
- MANNONI, M. *A criança atrasada e a mãe*. São Paulo, Ed. Moraes, 1977 (2ª edição). Traduzido do Original 1965 por Maria Raquel Gomes Duarte.
- OMOTE, SADAQ. *Reações de mães de deficientes mentais ao reconhecimento da condição dos filhos afetados: um estudo psicológico*. São Paulo, USP, 1980, dissertação de mestrado, pp. 1-118.
- PICHON, Enrique Riviérrí. *El Proceso grupal*. Ed. Nueva Visión, 1977.
- SATIR, V. *Terapia do grupo familiar*. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1980. Tradução de Achilles Nollí.
- SUCHAKA, H.T. "Parents and Teachers". *Childhood Education*. 1982, vol. 58 (3), pp. 130-133.
- TELFORD, C.W. e SAWREY, J.M. *O indivíduo excepcional*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976. Traduzido da segunda edição norte-americana de 1972 por Álvaro Cabral.
- VERNON, McCay and RABUSH, D. "Major Developments and Trends in Deafness". In *Brief. Excepcional Children*. 1981, vol. 48 (3), p. 254.